

**MARIA THERESA DE MEDEIROS PACHECO:  
NOTAS BIOGRÁFICAS SOBRE A PRIMEIRA MÉDICA LEGISTA DO BRASIL**

Sabrina Guerra Guimarães\*  
Lina Maria Brandão de Aras\*\*

**Resumo**

Este artigo discute o pioneirismo da médica alagoana que chegou à Bahia em 1948 para ingressar na Faculdade de Medicina da Bahia e se formou em 1953 e, daí por diante, atuou nas conhecidas Maternidades da época, como a Climério de Oliveira e Nita Costa e nos hospitais Aristides Maltez e Santa Isabel. Em 1954, por sua experiência nos serviços de ginecologia e obstetrícia, foi convidada pelo Prof. Estácio de Lima para periciar as vítimas de atentados sexuais: crianças, adolescentes e mulheres, no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, na especialidade Sexologia Forense. Especializou-se nesta área, tornando-se a primeira mulher médica-legista do Brasil e, dentro do referido Instituto, conquistou o mérito de ter sido a primeira diretora de um Instituto Médico Legal no mundo. Na condição de professora da Faculdade de Medicina da Bahia, tornou-se pioneira enquanto mulher, ao assumir a cátedra titular de Medicina Legal.

**Palavras-chave:** Trajetória pioneira. Gênero e ciência. Mulheres cientistas. Medicina legal.

**Abstract**

This article discusses the pioneering trajectory of a woman medical doctor who came from Alagoas do Bahia in 1948 to enter the Medical College of Bahia, graduating in 1953 and, from thereon, practicing medicine in well-known Women's Hospitals at the time, such as Climério de Oliveira and Nita Costa, as well as in other hospitals as Aristides Maltez and Santa Isabel. In 1954, on account of her experience in obstetrics and gynecology, she was invited by Prof. Estácio de Lima to act as medical-examiner of victims of sexual abuse - children, adolescents and women – in the Nina Rodrigues Forensic Medical Institute in the specialty of Forensic Sexology. She specialized in this field, becoming the first woman medical examiner in Brazil and, within the Institute, achieved the status of being the first woman director of a Forensic Medical Institute in the world. As a faculty member of the Medical College of Bahia, she became a woman pioneer in assuming the chair of Forensic Medicine.

**Keywords:** Pioneering trajectory. Gender and science. Women scientists. Forensic medicine.

---

\* Graduada em História (UCSAL) e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia, onde realizei, também, o mestrado (PPGNEIM/UFBA). Áreas de atuação: Gênero e Ciências, em particular, a participação das mulheres no campo da medicina e o gênero na medicina legal. Bolsista FAPESB. E-mail: brinaguerra@hotmail.com Tel.: 71-8838-8405- End. Rua Visconde de Caravelas, 124-Ribeira-Cep: 40.420-160.  
\*\* Graduada (UFBA – 1983), mestre (UFPE -1989) e doutor em História (USP -1995). Docente do PPGH e PPGNEIM/UFBA. Email: laras@ufba.br.

## Introdução

Nosso cenário inicial antecede o nascimento de Maria Theresa de Medeiros Pacheco. No Brasil, acabava de ser proclamada a República, com um caminho ainda incerto, confuso e despertando novos interesses e novos espaços de poder. (CARONE, 1973, p. 6). Em termos gerais, as regiões do Centro-Sul foram as que mais se desenvolveram, mas cada estado teve as suas peculiaridades, seus avanços e retrocessos. Interessa-nos pensar neste cenário dos anos 1920, década em que nasceu a personagem pesquisada. Os novos ideais circulavam nos meios políticos e as disputas presidenciais entre militares e oligarcas motivou o Movimento Tenentista que se posicionava contra a permanência conservadora proposta pelas oligarquias, o que acabou por incitar diversas revoltas cada uma com seu interesse próprio. A busca pelo poder entre militares e os grandes grupos oligárquicos foi bem demarcada neste período. (FAUSTO, 2012, p. 150).

O estado de Alagoas, onde nasceu Maria Theresa, a partir de 1920, ainda se sobressaía na produção da cana-de-açúcar. De acordo com (WANDERLEY, 1979, p. 30): “Naquela época a produção do açúcar se constituía, em termos nacionais em uma extraordinária fonte de riqueza para o Brasil, e, para Alagoas, era realmente o açúcar o sustentáculo da formação da sua renda”. “Outros produtos, como tecidos, algodão, arroz, cocos, milho, pele, álcool, caroço de algodão, mamona e aguardente, também faziam parte da economia do Estado” (WANDERLEY, 1979, p. 165). Nesse contexto nasceu Maria Theresa de Medeiros Pacheco, no município de Atalaia, em Alagoas, em 2 de setembro de 1928, nas margens da Usina Rio-Branco, filha de Carolina de Medeiros Pacheco (D. Morena) e de José Pacheco Filho.

Os pais de Maria Theresa tiveram cinco filhos biológicos (Jorge Medeiros Pacheco, Marcos Rubem Medeiros Pacheco, Maria Theresa de Medeiros Pacheco, Maria Célia Pacheco Nunes, Rogério Henrique de Medeiros Pacheco) e uma “de coração” –Bernadete Rodrigues Melo. Maria Theresa era a segunda dentre eles/as e, desde cedo, sempre se mostrara determinada, um traço forte que iria marcá-la pelo resto de sua vida.

Apesar de ter nascido em Atalaia, a pequena Maria Theresa, aos quatro anos, passara a residir em São

Miguel dos Campos, onde permaneceu por seis anos (SILVA; BOMFIM, 2007, p. 293). Com sua memória saudosa, ela descreve a referida cidade e o cotidiano de sua feliz infância:

S. Miguel a encantadora cidade às margens do rio S. Miguel, adocicada pelo produto dos seus canaviais e emoldurada pelas matas verdejantes dos seus campos representava toda ela quase a mesma família, as alegrias eram contagiantes e as tristezas também compartilhadas. Todos se conheciam. Ali vivemos por muitos anos. Aos domingos escutávamos a missa na Igreja de N. Senhora do Ó, celebrante era o Pe. Gídio figura excelsa de inteligência, cultura e bondade que marcou nossa infância indelevelmente. Ao terminar a missa meu pai saía convidando a quem podia para tomar em nossa casa o famoso mungunzá de todos os domingos.<sup>1</sup>

Incentivador ferrenho dos filhos/as, o Coronel José Pacheco “preocupava-se com a nossa formação literária, assim, desde crianças possuíamos os livros de Monteiro Lobato e as coleções que ele comprava [...]”.<sup>2</sup> De fato, ele logo percebeu que a personalidade de Maria Theresa era forte, determinada, pela sua segurança e do diálogo que tinha com sua família e, especialmente, com ele.

Aos 20 anos, Maria Theresa informou que queria ser médica, decidindo prestar exames na Faculdade de Medicina da Bahia, o que deixou a sua mãe preocupada, porém, seu pai (para estranheza da sociedade da época) lhe deu total apoio. As relações de ordem de gênero patriarcal no ambiente familiar de Maria Theresa a beneficiou, pois seu pai lhe incentivou, enquanto sua mãe era terminantemente contra a sua vinda, mas, quais os motivos do ser contra? Não se sabe dizer quais foram, mas, como hipótese podemos pensar na superproteção de algumas mães ou, até mesmo, na reprodução do patriarcado pelas mulheres, como bem observa (SAFFIOTI, 2010, p. 9-10):

Quer se trate de Pedro, João ou Zé Ninguém, a máquina funciona até mesma acionada por mulheres. Aliás, imbuídas da ideologia que dá cobertura ao patriarcado, mulheres desempenham, com maior ou menor frequência e com mais ou menos rudeza, as funções do patriarca, disciplinando filhos e outras crianças ou adolescentes, segundo a lei do pai. Ainda que não sejam cúmplices deste regime, colaboram para alimentá-lo.

<sup>1</sup> Arquivo Maria Theresa de Medeiros Pacheco. Escritos de próprio punho sem data, provavelmente em 1988, quando se comemorou o centenário de seu pai José Pacheco.

<sup>2</sup> Idem.

Porém, nem a oposição da mãe fez com que Maria Theresa desistisse de viajar, pois seu interesse era o curso de Medicina e, de acordo com Oliveira:

A educação superior em Alagoas tem início com relativo atraso, tal qual no Brasil. Desde a criação, em 1902, do Seminário Diocesano Nossa Senhora da Assunção, foi organizada a partir da cátedra. Na década de 50 as instituições de ensino superior isoladas têm criação efetiva de uma rede e seus alunos pertencem a famílias tradicionais. A formação profissional é a base de suas concepções, assemelhando-se dessa forma ao estilo napoleônico. Para atender a uma demanda por profissionais formados em nível superior, sendo esta formação voltada para a realidade local, nasce em 1961, a Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Inicialmente formada por Institutos e Faculdades. Na década de 70 passa por uma reestruturação baseada no modelo acadêmico de Centros e Departamentos, no entanto, sua administração permanece centralizada. Ainda nesta década a formação do corpo docente e o desenvolvimento da pesquisa, são objetivos dos primeiros planos de ação formalizados para a universidade. (2010, p. 9-10).

Em Maceió não havia ensino superior e parar no tempo e ser dona de casa ou optar por profissões consideradas tipicamente femininas na época como enfermeira, telefonista ou o magistério, não era interesse de Maria Theresa. Esta seguiu na contramão desse processo, embarcando em um “Ita do Norte”<sup>3</sup> para Salvador, em 1948, deixando o Estado de Alagoas em busca de seu sonho: o de se tornar médica, o que conseguiu “graças à proteção de Deus e ao redobrado esforço, estudando 16 horas por dia”.<sup>4</sup> Maria Del Carmen (Dra. Carminha), amiga de Maria Theresa que foi também sua colega de turma relata:

Quando ela veio prestar vestibular, ela veio sozinha, ela veio mandada pelos pais, porque assim, eles conheciam aquele doutor que eu gostava tanto dele o Prof. Estácio, ela já conhecia ele de lá, porque Prof. Estácio foi noivo da tia dela, mas a tia dela morreu muito jovem com câncer de mama. Ele era muito amigo da família, então quando ela veio pra cá o pai dela disse: – olha Estácio, eu queria por favor que você olhasse Maria Theresa lá. Mas ela embarcou sozinha. Depois ela ficou um tempinho assim, menos de um ano numa outra casa, tinham umas pessoas que ela conhecia de lá, mas não dava muito certo, aí ela resolveu ficar lá na nossa casa, nós nos conhecemos no pré-vestibular, ela fez o curso no mesmo

<sup>3</sup> Eram embarcações chamadas de Itatinga, Itaquatiá, Itaimbé, Itaberá, Itapuça, Itagiba, Itapuhy, Itassucé, Itajubá e Itaquara e os grandes Itaipé, Itahité e Itapagé, entre outros apelidados de Ita “que tiveram sua fase áurea de 1930 a 1962”. *Revista Manchete*, 2 fev.1991. Pertence ao arquivo pessoal de Maria Theresa de Medeiros Pacheco.

<sup>4</sup> Escrito datilografado do arquivo pessoal de Maria Theresa de Medeiros Pacheco.

curso que eu fiz, passamos né? Aí então fizemos o primeiro ano de medicina e aí, pronto, vivíamos assim muito juntas, aí como lá esse meu avô me criou desde pequena e era louco por ela a família toda, era uma casa muito grande, lá nos Barris, aí meu avô fez um apartamentozinho assim do lado da casa e tinha então uma sala, um quarto, um sanitário, então ali que era o nosso apartamento (risos) era ótimo.<sup>5</sup>

Destaca-se o fato de Maria Theresa ter realizado a viagem sozinha sem nenhum/a acompanhante para Salvador. Iole Macedo Vanin percebe nos registros que encontrou:

No Memorial da Faculdade de Medicina da Bahia, precisamente para as décadas de 1930 e 1940, tornou-se perceptível a movimentação de mulheres de cidades do interior da Bahia e mesmo de outros estados que se dirigiam para a instituição baiana com intuito de graduar-se nos cursos superiores que esta oferecia. Por certo havia moças que não tinham parentes na capital baiana, o que poderia tornar difícil a sua permanência ao não se ter um local adequado, não colocando em dúvida as suas ‘virtudes’, para se hospedar. (2008, p. 199).

Foi exatamente assim que ocorreu com Maria Theresa, pois ela veio de Alagoas sem ter nenhum parente na capital baiana, mas, ao contrário das moças que não podiam ficar, ela permaneceu na cidade. Já instalada na casa da amiga Carminha, Maria Theresa se dedicava intensamente aos estudos e começou, ainda como estudante, como aspirante, interna por concurso, a residir na Maternidade Climério de Oliveira, que tem uma história ligada à medicina baiana e que antecede o nascimento dela, portanto, conheceremos um pouco das principais instituições que Maria Theresa de Medeiros Pacheco circulou.

### A Faculdade de Medicina e outras instituições

A emancipação feminina defendida em muitos países pelos movimentos feministas, através das lutas sufragistas, influenciaram muitas mulheres a adentrarem nas faculdades de medicina. Mesmo com todo o discurso que sempre procurou mantê-las afastadas do mundo acadêmico e médico, Maria Theresa rompeu, assim como outras mulheres, com esses discursos e se inseriu no campo da medicina.

Ainda como estudante atuou na Maternidade Climério de Oliveira, (instituição criada em 30 de outubro de

<sup>5</sup> Maria Del Carmen Vilas Martins Moreira. Entrevistada em 23 de maio de 2013.

1910). Maria Theresa optou por Ginecologia e Obstetrícia, especialidades que embora pareçam unas, são diferenciadas, pois a Ginecologia trata das doenças relacionadas ao sistema reprodutor feminino— vagina, útero e ovários—, enquanto a obstetrícia estuda a reprodução, ou seja, a gestação, o parto e o puerpério. Seu atendimento nessas duas funções na instituição sempre foi elogiado, como contou Dra. Iracy Costa: ela “era defensora das mães pobres baianas e sempre dava um jeito de resolver os problemas de todas as mulheres na maternidade”.<sup>6</sup>

A relação da Dra. Maria Theresa com esta Maternidade ainda vai se prolongar, pois ela se torna assistente voluntária desta instituição, desde o primeiro dia após a sua formatura, em 1953. Maria Theresa relata a sua experiência em locais que atuou como residente<sup>7</sup>, como a “Maternidade Nita Costa, ainda interna do serviço de Ginecologia do Prof. Carlos Aristides Maltez, no velho Santa Isabel, onde tanto aprende a boa e correta Ginecologia, já aliada à ética” (PACHECO, 2007, p. 154-155). A história desta Maternidade onde Maria Theresa foi residente está intimamente ligada ao Instituto de Proteção e Assistência à Infância da Bahia (IPAI-BA), instituição filantrópica que tinha como objetivo a proteção materno-infantil. Fundada em 11 de junho de 1903, pelos médicos Alfredo Magalhães e Joaquim Augusto Tanajura, esta instituição foi uma referência na área.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Entrevista de Iracy Silva Costa, em 16 de setembro de 2010.

<sup>7</sup> Portanto, o que chamamos de residência, e Maria Theresa também chamava, foi o movimento que surgiu no Brasil, segundo os moldes do modelo americano, que complementava o ensino teórico-prático dos/as cursistas, na década de 40 e que acabou por se multiplicar. Até a instituição do “Decreto nº 80.281, de 5 de setembro de 1977, a residência médica é uma modalidade de ensino de pós-graduação destinada a médicos, sob a forma de curso de especialização. Funciona em instituições de saúde, sob a orientação de profissionais médicos de elevada qualificação ética e profissional, sendo considerada o ‘padrão ouro’ da especialização médica. O mesmo decreto criou a Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM)”. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=12263&Itemid=507](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12263&Itemid=507)>.

<sup>8</sup> Verbete em CD anexo sobre o IPAI-BA no livro: SOUZA, Christiane Maria Cruz de; BARRETO, Maria Renilda Nery (Org.). *História da saúde na Bahia: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri, SP: Ed. Fiocruz: Manole, 2011. Maria Renilda Nery Barreto e Martha Maria de Luna Freire: pesquisa e texto; Virilene Moreira Cardoso, Lidiane

Já a fala de Maria Theresa, ao se referir ao “velho Santa Isabel”, não é à toa, pois este tem sua história mais do que intimamente ligada à história da Bahia por ser remanescente da Santa Casa de Misericórdia da Bahia.

[...] fundada em 1549, mesmo ano da fundação da cidade de Salvador... essa irmandade fez parte de uma grande rede de confrarias, a qual, sob a proteção real e o aval da igreja, desempenhou importante papel na estruturação do império português e na assistência à população nos mais diversos níveis. (SOUZA; BARRETO, 2011, p. 6).

Portanto, esta instituição é um símbolo da Cidade do Salvador que veio se modificando ao longo dos séculos, sempre no intuito de atendimento à população para a higienização e por uma ciência reguladora e, mais do que isto, no aperfeiçoamento dos médicos com as sempre desejadas aulas práticas.<sup>9</sup>

Maria Theresa transitou entre os considerados melhores centros de referência em Medicina na época, em Salvador, alguns em seu auge outros ainda tentando se estabelecer, como o Hospital Aristides Maltez (HAM).<sup>10</sup> Foi aluna e discípula de professores e médicos conceituados, como Carlos Aristides Maltez, filho do também médico ginecologista, cirurgião, obstetra e professor Aristides Maltez, que foi o idealizador e fundador da Liga Bahiana contra o Câncer (LBCC) e do Hospital Aristides Maltez, que surgiu por sua inquietação ao presenciar “diariamente, o sofrimento das mulheres pobres com câncer em geral no colo do útero. Não havia vagas para acolher a tantas, e a maioria morria sem qualquer tratamento” (SAMPAIO, 2006, p. 24).

Depois de muita luta do Prof. Aristides Maltez, a LBCC foi criada em 13 de dezembro de 1936, sendo os atendimentos feitos no Hospital Santa Isabel (HSI) assim como as reuniões, palestras e os estudos sobre o câncer. A necessidade de se ter um espaço era latente e a solicitação da compra e de recursos financeiros assim como a permissão para a realização da obra foi feita aos Governos Estadual e Federal sob a intervenção de Landulfo Alves. A Chácara Boa Sorte, no Bairro de Brotas, foi o local escolhido. Infelizmente, Aristides

Monteiro Ribeiro, Estefane Evelin Gaspar da Silva e Viviane França de Medeiros: pesquisa.

<sup>9</sup> Idem, verbete em CD anexo sobre o Hospital Santa Isabel: pesquisa e texto; Renato Gama-Rosa Costa: descrição arquitetônica.

<sup>10</sup> Daqui por diante será referido pelas iniciais HAM.

Maltez não pode ver o seu Hospital construído, pois veio a falecer em 5 de janeiro de 1943, vítima de um ataque cardíaco. A luta pela construção do Hospital continuou e a inauguração do primeiro pavilhão ocorreu no dia 2 de janeiro de 1952. Maria Theresa relata sua experiência enquanto residente neste Hospital que ainda não tinha concluído suas obras,

Fui interna do Hospital Aristides Maltez, no 5º ano médico; Hospital ainda em construção, imensa dificuldade na assistência aos pacientes internados porque não havia ainda banco de sangue, nem ambulância, nem mesmo telefone, que nos atendesse em uma emergência, deslocava-me quando necessário, a pedir ajuda ao Preventório Santa Terezinha, sob a direção da Prof. Cora Pedreira, noite ou madrugada, ali, através seu telefone conseguia os socorros necessários. Aprendizado notável (PACHECO, 2007, p. 154-155).

A relação de Maria Theresa com este hospital é ainda mais profunda, como conta a depoente, sua filha/sobrinha Tereza Cristina, em um episódio em que veio com seus avós para seguirem o tratamento de seu avô José Pacheco que estava com tuberculose, quando ela já estava no segundo ano de residência no HAM:

Quando minha mãe chegou aqui, ela não tinha apartamento, não tinha nada ainda, estava fazendo residência e ela tinha um quarto no Hospital Aristides Maltez que Dr. Luiz Neves que era oncologista, cancerologista que ensinou muita coisa a ela boa, tudo do Maltez, ele e Dr. Carlos Maltez, então aí deram um quarto pra ela morar, quando eu cheguei com meu avô e minha avó, nós fomos pra lá, morar lá, aí um quarto era assim: a cama de minha tia assim (gesticulando com as mãos) era um quarto normal de paciente e uma bi-cama, que minha avó dormia embaixo e eu dormia em cima e meu avô num quarto em frente do hospital se tratando e minha tia às vezes fazia o ambulatório num daqueles quartos pertinho para poder ficar monitorando ele. Aí ele tossia e eu ia chamar ela, eu ficava sentadinha assim com as pernas cruzadas numa floreira, ela dizia: fique lá quieta, (eu me lembro disso). -Quando ele tossir você leva uma baciuzinha pra ele escarrar e quando ele tossia, eu corria e levava, impressionante a minha memória, se você soubesse o que eu passei nesse dia o apartamento dele era o 101 o último do corredor no primeiro andar e o dela era em frente, eu não me lembro o número do que a gente ficava, mas o dele eu me lembro era em frente, bom, a gente morou ali um tempo, eu tinha um velocípede, andava o hospital todo, tinha um rapaz que ele encerava e eu tinha um cabelão aqui embaixo, era de trança aí eu pensava correndo assim com o velocípede e ele dizia eu vou pegar as tranças dessa menina, eu encerei tudo a marca do pneu, naquele época era aquele piso de cerâmica, era um losango, losanguinho, eu não me esqueço nunca, vermelho que ele passava cera e eu deixava as marcas. E quando era de noite eu guardava o velocípede no almoxarifado do hospital, tinha umas mangueiras, uns

negócios lá no Maltez, ele deixava eu brincar com o velocípede.<sup>11</sup>

Foi nesse hospital que Tereza Cristina morou por um tempo e pode viver a criatividade própria da infância e também teve uma das maiores tristezas da sua vida.

[...] quando foi no dia 21 de junho tinha uma festa no clube do siri e eu não estudei nesse ano, sai de lá já alfabetizada (Maceió), mas não fui pra escola porque aqui tava difícil Salvador perto do Maltez, quem me levava, aquela coisa toda, aí pra essa festa, minha tia comprou minha roupa junina e tudo e botou um chapéu com umas trancinhas e eu ia desfilar, ela arrumou lá pra eu desfilar, pra não ficar só no hospital e meu avô pediu pra me ver antes de sair, aí me olhou e disse assim: ‘E! tá muito bonita pode ir’. Eu voltei era por volta de 8:30 e 8:00h da noite, quando foi 11:00h ele morreu, aí minha tia me chamou, ainda bem que eu tinha falado com ele antes de sair. Aí era assim eu louca de paixão por ele e ele por mim, era uma coisa impressionante, coisas assim (choro). Meu avô era uma coisa, eu me lembro de tudo dos 4 aos 6 anos de idade, tudo que eu queria meu avô me dava, passeava comigo na beira do rio, passeava de canoa, era uma paixão, todos os meus irmãos adoravam ele [...].<sup>12</sup>

Após sua formação, em que ela residiu nas referidas instituições, a opção pela ginecologia e obstetrícia, começou a ser o caminho trilhado por Maria Theresa, pois até mesmo em seu período de descanso “almejava ser obstetra, tendo feito vários partos em suas férias em Jequiá da Praia (AL) enquanto era estudante sempre com o objetivo de salvar a vida das mulheres” (SILVA; BOMFIM, 2007, p. 293). O sonho se tornara realidade e, em 1953, Maria Theresa se tornou médica em Salvador, pela Faculdade de Medicina da Bahia.

A Profa. Dra. Maria Theresa de Medeiros Pacheco fez parte do primeiro grupo de acadêmicas do pós-guerra imediato, que foi diplomado antes de haver passado uma década do fim da Segunda Guerra Mundial, quando o exemplo das mulheres norte-americanas nas fábricas, oficinas, escritórios e clínicas tomava o mundo ocidental, e ela, como estudante, passou a frequentar as maternidades públicas, onde predominavam as mulheres obstetrias, e o novel hospital do câncer, onde quase todos eram iniciantes, e o Instituto ‘Nina Rodrigues’ [...].<sup>13</sup>

Em 1954, foi convidada pelo Prof. Estácio de Lima, “que foi quem orientou toda a formação científica e cultural da Dra. Maria Theresa”<sup>14</sup>, para atender no

<sup>11</sup> Entrevista de Tereza Cristina Pacheco, em 1 de outubro de 2013.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Entrevista do Dr. Lamartine de Andrade Lima, em 5 de maio de 2011.

<sup>14</sup> Idem.

Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (IMLNR)<sup>15</sup>. O Professor Estácio Luiz Valente de Lima nasceu a 11 de junho de 1897, na cidade de Marechal Deodoro, antiga Santa Maria Madalena, depois de Alagoas, que teria sido capital do Estado das Alagoas. (PACHECO, 2007, p. 148).

Mestre Estácio, como era conhecido, também veio de Alagoas com um grande sonho, o de se formar em medicina, e chegou a Salvador no dia 8 de fevereiro de 1916 para prestar exames na Faculdade de Medicina da Bahia sendo aprovado em primeiro lugar e se formando no ano de 1921. Foi um grande incentivador dos seus discípulos e, em especial, da Dra. Maria Theresa, alagoana como ele, jovem, sagaz e inteligente, que chamou a atenção do mestre enquanto sua aluna ainda na graduação, e cujos atributos intelectuais levaram-no a convidá-la, em 1954 para atuar na sua área da Sexologia Forense. Com base nos serviços prestados na área de ginecologia e obstetrícia nos hospitais já referidos, enquanto residente e após a sua formatura em 1953, passou a atender no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, no Terreiro de Jesus, as vítimas de atentados sexuais – crianças, adolescentes e mulheres – o que acabou por influenciá-la, de certa forma, a ingressar na área da Medicina Legal e, inicialmente, pelo ramo da Sexologia Forense.

O Prof. Estácio, conhecido por sua generosidade e caridade não foi um homem de posses e propriedades. Casado com a Sra. Edla sem terem tido filhos, “construiu, então, a casa em que moraria até os seus últimos dias, na Barra, em Salvador, com uma bela biblioteca” (LIMA, 2012, p. 318). Esta casa ficou de herança para Dra. Maria Theresa, sua discípula que cuidou, até a morte, da Sra. Edla, assistindo-a da melhor forma que ela encontrava. Pouco tempo depois, cuidou também do mestre Estácio até o seu falecimento em 29 de maio de 1984. Hoje, na casa deixada por Dr. Estácio para Maria Theresa funciona a Clínica para Senhoras (CLISA).

---

<sup>15</sup> O Instituto Médico Legal Nina Rodrigues (IMLNR) é o mais antigo dos cinco Institutos que compõem a estrutura do Departamento de Polícia Técnica. Criado em 1905, pelo Prof. Oscar Freire, recebeu o nome Nina Rodrigues da Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, em homenagem ao Professor catedrático de Medicina-Legal, Raimundo Nina Rodrigues, falecido naquele mesmo ano. Disponível em: <[http://www.dpt.ba.gov.br/index.php?site=1&modulo=eva\\_conteudo&co\\_cod=25](http://www.dpt.ba.gov.br/index.php?site=1&modulo=eva_conteudo&co_cod=25)>.

Dizem que ela era apaixonada pelo Prof. Estácio, eu perguntei e ela não me respondeu não. Eu dizia: minha mãe você amava o Prof. Estácio? E ela dizia: você sabe que existem várias formas de amor, não sabe? Eu disse: sei, e acho que com ele a senhora abrangeu todas, e ela balançou só assim a cabeça (positivamente).<sup>16</sup>

O que, de fato, se percebe, através das fontes orais ou nas colunas que ela escrevia para o jornal *A Tarde* é que ela foi extremamente grata ao mestre Estácio:

Com o senhor ausente fisicamente, mas indelével, como percebe na alma de seus amigos, condiscípulos e admiradores, o senhor que soube mostrar em sua vida diária ternura e consideração para com o fraco, infinita piedade para com o sofredor e ampla assistência intelectual a quantos se acercavam do professor amigo, probo que sempre soube ser, leal a si mesmo, leal ao seu alto ofício e leal ao seu semelhante.<sup>17</sup>

Estácio de Lima foi seu mentor intelectual desde os tempos da Faculdade e ela conseguiu assumir todos os postos que desejara alcançar, em sua maioria, cargos e funções que o próprio Prof. Estácio também conquistara.

Tracei até aqui um pouco da história deste professor que, junto com o pai de Maria Theresa, o Sr. José Pacheco, foram homens determinantes na sua vida. Portanto, as relações de gênero de ordem patriarcal na vida dela não ocorreram de forma direta, o que pode ter sido mais uma motivação para ela ser uma pioneira na área da Medicina Legal no Brasil, encantando-se primeiramente pela Sexologia Forense que lhe foi apresentada por Estácio.

### **Atuação profissional de Maria Theresa de Medeiros Pacheco: a nova era para o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues**

Dra. Maria Theresa foi, de fato, a primeira mulher no Brasil a periciar formalmente na área da Sexologia Forense, que é o ramo da Medicina Legal que estuda a atividade sexual humana relacionada às questões jurídicas, cíveis e criminais e se “dedica ao estudo dos fenômenos relacionados com a reprodução humana, desde a concepção até o puerpério” (DEL-CAMPO, 2005, p. 187). Dentro de um Instituto Médico Legal foi à primeira médica legista do Brasil diplomada, mas isto

---

<sup>16</sup> Entrevista de Tereza Cristina Pacheco, em 1 de outubro de 2013.

<sup>17</sup> *Jornal A Tarde*, 11 jun. 1991.

não implica dizer que tenha sido, de fato, a primeira mulher a realizar tais procedimentos.

Para além do pioneirismo, a incorporação da Dra. Maria Theresa aos quadros funcionais do IMLNR alterou a forma de tratamento das vítimas de violência sexual. Devendo-se levar em consideração que o professor Estácio de Lima a convidou para esta especialidade, justamente para dar suporte a estas vítimas já marcadas pela dor psicológica e física, e ela demonstrava ser solidária com as mulheres violentadas.

Dra. Maria Theresa passou uma década trabalhando no IMLNR com a sexologia forense atendendo mulheres e crianças violentadas. Por transitar neste espaço, começou a se sentir ainda mais atraída pela Medicina Legal e por todos os ramos que ela abrange e se propôs a aperfeiçoar os seus conhecimentos na área. Em 1965, inscreveu-se no concurso de Docência Livre da Faculdade de Medicina da Bahia<sup>18</sup>, com a tese *Aspectos da delinquência sexual* (PACHECO, 1965). Logo na justificativa da tese, Dra. Maria Theresa explica que a escrita desta, foi para atender um ideal, assim como um dever, por ter trabalhado durante dez anos atendendo na área da sexologia forense no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

No primeiro capítulo intitulado “Delitos sexuais: visão do problema no Brasil, do ponto de vista histórico-penal”, a autora começa discorrendo sobre a personalidade humana que, ao longo da vida, acaba por enfrentar problemas de natureza sexual que ela diz ser o masoquismo e o sadismo. Para o sádico, “o grande prazer é acarretar o mal, é produzir a dor em outrem. Roubar ou furtar o automóvel, utilizando-o para uma noite de boemia e loucuras. Mas a satisfação relativa “ao furto” ao “roubo” é jogar mais logo, o veículo contra o poste, ou de uma ribanceira abaixo” (1965, p. 2). Quanto ao masoquismo, ela exemplifica,

Psicólogos procuram classificar a satisfação que a mulher experimenta no ato do defloramento, como um prazer

<sup>18</sup> A Docência Livre exigia concursos semelhantes aos que se pretendiam catedráticos, constando de oito provas: de títulos, prova clínica de psiquiatria forense, de laboratório médico-legal, de sexologia forense, prova escrita, de seis horas de duração, prova no cadáver – necropsia completa, exame no vivo em clínica forense, prova oral ou didática com o ponto sorteado na hora, dentre os sessenta assuntos do programa. A prova escrita também constava de pontos sorteados na hora da prova, frente à comissão examinadora.

masoquista, abstração feita, naturalmente, dos fatores afetivos e educacionais em causa. Ela aprendeu que é bom sacrificar-se pelo ente querido. O orgasmo, confessam na sala de exames do Nina Rodrigues e nos consultórios dos obstetras e ginecologistas, é excepcional nessa hora. E, ao mesmo tempo, o homem que ‘exige’, no matrimônio (1965, p. 2).

Detecta no comportamento das mulheres um fator educacional, de uma educação de caráter androcêntrico que encaminha o sexo feminino à submissão e exploração. Porém, Dra. Theresa não aprofunda este aspecto. Discorre e contextualiza sobre as Ordenações Afonsinas, Manuelinas e Filipinas, que vigoraram em Portugal e, também, no Brasil, desde o seu “achamento”, que tratavam dos atos de uso e abusos das mulheres, mas, somente no século XIX, em 1830, “o Brasil Imperial, passou a ter legislação penal própria, através do seu código criminal” (1965, p. 14). Assim, ela trata de cada artigo que fez parte deste conjunto de leis e suas penalidades.

Proclamada a República, não tardou o aparecimento de um Código Penal que veio substituir o outro, substituição ou reforma tão ansiosamente esperada por mais de meio século [...] Lei de 1890 que não quis mais se chamar Código Criminal e sim Código Penal. (PACHECO, 1965, p. 18).

Em seguida, discorre sobre a nova lei penal decretada no Estado Novo de Getúlio Vargas: “esse código, por alguns, tachado de fascista, não o era, entretanto, nas suas linhas gerais (1965, p. 18), defende Dra. Theresa, no que se refere aos artigos voltados aos delitos sexuais e suas penas.

No segundo capítulo, “Conceito, definição, estatística”, Dra. Theresa expõe alguns conceitos que foram utilizados no capítulo anterior, como sedução, defloramento, estupro, analisando como cada um destes fora introduzido no Código Criminal e, logo após, no Código Penal e, respectivamente, suas definições postas à sociedade. Ela cita muitos exemplos mas o que me chamou a atenção foi uma rápida crítica:

O mais famoso dos dicionaristas modernos, Sr. Candido de Figueiredo, assim se expressa: Estupro – atentado contra o pudor de uma mulher. Coito forçado. Defloramento de virgem. Três conceitos em que verdadeiramente, apenas o segundo – Coito forçado – é o que, de algum modo, se ajusta aos cânones da Medicina Legal brasileira, a mulher sendo a vítima (1965, p. 24-25).

Dra. Theresa faz ainda uma crítica, no que se refere à criminalidade dos casos de defloramento:

Em Paris, Londres, Nova York, Berlim, Tóquio, ou qualquer outra das imensas capitais do mundo, praticamente, não há exames médico-legais para o diagnóstico da integridade do hímenal, no particular defloramento propriamente dito, ou sedução. A irreverência de muitos, procurando justificar o fato, proclama a queda, ou a destruição do belo tabu que é a virgindade (1965, p. 31).

A autora traz dados de casos de sedução e estupro, do ano de 1930 a 1963, e faz um comparativo de aumento ou diminuição dos casos no decorrer das décadas. Formula, então, hipóteses que considerou como importantes:

Quando tornamos possível a observação, ano a ano, da curva ascensional dos habitantes, e o número de defloramentos ou seduções que foram trazidos ao 'Nina'. Mas, curiosíssimo [...] foi a diminuição súbita das queixas de estupro em 1942 – 3 casos justamente, quando a sua idade limite baixou de 16 para 14 anos. Depois é que veio vindo gradual ascensão. Pode-se, também, notar a possível influência dos fatores ligados à grande guerra que principiou em 1939 e se estendeu até 1944, com as dificuldades econômicas, a mobilização, as inquietações, os sofrimentos. Nos países ocupados militarmente, e assolados pela miséria, a situação foi terrível. Felizmente, escapamos no Brasil a tal horrores (PACHECO, 1965, p. 31-32).

E, daí por diante, Dra. Theresa continua a sua análise, apontando as suas perspectivas,

Vê-se claramente que a sociedade reagiu de modo curioso a nova lei penal, que admitiu a sedução, somente entre 14 e 18 anos, e não mais entre 16 e 21, enquanto o estupro passou a 'ocorrer', apenas quanto à idade, antes dos 14 anos. O defloramento ou sedução baixou, estatisticamente, em 1942 para 162 casos, e 137 em 1943. A população da cidade, entretanto, estava em elevação, e existiam circunstâncias que poderiam favorecer o crescimento das 'seduções': a mobilização, a perspectiva de embarque para a guerra e a presença de soldados estrangeiros, em grande número. (1965, p. 33).

Novamente, trata dos três casos de estupro em 1942, demonstrando a sua surpresa, justamente, pelo momento propiciar o contrário, como "a guerra, a convocação de reservistas, o estrangeiro [...] poderiam ter favorecido o 'crescimento'" (1965, p. 33). E prossegue,

A descida de 16 para 14 anos seria o elemento preponderante, o que denota, realmente terem sido os casos anteriores na sua grande maioria, de menores entre 14 e 16 anos. A elevação numérica das 'queixas' de estupro veio ocorrendo lentamente, para acentuar-se, apenas em 1955 cinquenta e um casos, já então a população da cidade estando em mais de 535.000 habitantes. Daí por diante, estupro e sedução subiram sem haver, porém, proporcionalidade com o número de habitantes, – anteriormente à vigência do Código atual (1965, p. 33-34)

No terceiro capítulo, intitulado "Aspectos médico-legais e sociológicos do problema", ela inicia tratando do defloramento como um crime em decadência, mas reforça a preocupação médico-legal e a consideração indiscutível da gravidade nos casos de violência sexual e corrupção de menores. Porém, "o que poderia parecer demasiadamente simples constitui uma de suas formas primordiais de luta, oferecendo, entretanto, e não raramente, sérias dificuldades: é a perícia" (PACHECO, 1965, p. 36). Mas, informa que:

Na Bahia, sob a orientação do Prof. Estácio de Lima, todos aceitamos que a presença da gravidez autoriza a conclusão da perda da virgindade, e o nosso judiciário jamais discordou e nunca pôs em dúvida, o nosso ponto de vista. O hímen, é no caso, elemento de grande valor diagnóstico, porém não é tudo exclusivamente. (1965, p. 37).

Se a gravidez é, portanto, uma grande prova criminal, por outro lado, ela discorre sobre as dificuldades e cuidados que se deve ter quando não há gravidez: as hipóteses que precisam ser elaboradas, o preparo do legista e sua ética para a pronta perícia.

As 'queixas', portanto, devem ser imediatas, e o médico legista não tem o direito, sob pena de incorrer em grave comprometimento à honra profissional, de transferir, para o dia seguinte, o exame, sob o pretexto de hora avançada, das deficiências de luz, da presença de fluxo menstrual, etc. (1965, p. 42).

Dra. Theresa, de fato, abomina, na tese, a negação da perícia imediata alegando os pontos acima, pois sabia das dificuldades de se colher no dia seguinte material como vestígios de esperma, mudança anatômica da região vaginal e outros fatores técnicos e policiais.

Devemos, no interesse social, chamar a atenção das autoridades policiais, para a utilidade dos exames médico-legais, não apenas das vítimas, como também dos acusados. Meses e meses transcorrem nos institutos médico-legais, e vamos dizer precisamente na Bahia, em que examinamos dezenas ou centenas de vítimas, e nem um só suspeito de prática de estupro. (1965, p. 45).

Nas páginas seguintes, Dra. Theresa registrou que também não se pode deixar passar despercebidas mulheres que apresentam desvios psicológicos no sentido de simular e acusar um estupro e que a psiquiatria forense muito contribui para detectar estes comportamentos.

No quarto e último capítulo, "A perícia", Dra. Theresa fala "na rotina, o procedimento adotado nas perícias

sexológicas tem que obedecer, como, aliás, o fazemos, normas pré-estabelecidas.” (1965, p. 52). Desde o momento em que a vítima entra para ser periciada começa o seu processo de análise físico, social e psicológico.

Ela traz, também, em anexo, o modelo do laudo que é utilizado nas perícias no Instituto Médico Legal Nina Rodrigues. Vale salientar o que Dra. Theresa aponta como “Deduções” finais, voltadas para o que foi exposto nos capítulos:

As leis penais no Brasil procuraram, sempre, enfrentar o problema dos delitos sexuais. 2) As ordenações do Reino de Portugal (Livro Terceiro), desde as Afonsinas, vigentes na época da descoberta do Brasil, cuidando da aplicação das penas, estabeleceram também normas processuais. 3) As leis antigas eram extremamente rigorosas indo à pena de morte, nos delitos sexuais. 4) Desde a vigência do Código Criminal (1830), o abrandamento das penalidades, no particular, tem sido considerável. 5) Há certa tendência, no Brasil contemporâneo, para novas diminuições das penas nos delitos sexuais, sendo o ante-projeto do ministro Nelson Hungria, um exemplo. 6) Observa-se, porém, nos dias atuais, uma tendência ao aumento dos crimes sexuais, em número e torpência, o que nos leva a acreditar que os juristas deviam rever o assunto, para nova tomada de posição. 7) As penas, realmente, não são elementos decisivos na profilaxia dos crimes. Representam, porém, grande papel na defesa social, pelo seu caráter intimidativo e de recuperação educativa do delinqüente. As próprias personalidades psicopáticas se intimidam. 8) Pensamos que a medida de segurança preventiva, alcançando particularmente, a chamada ‘juventude transviada’, poderia ser útil desde que houvesse, por exemplo, uma coerção à frequência dos serviços psiquiátricos abertos e submissão compulsória às tentativas de uma rigorosa psicoterapia, sem prejuízo de outros métodos terapêuticos. 9) Nos primeiros anos de vigência do nosso Código Penal, a começar em 1942, ocorreu uma baixa considerável das queixas de violências sexuais, – não decorrente apenas da descida de 16 para 14 anos, da capacidade de consentir. 10) Nota-se fenômeno semelhante, em relação ao defloramento (sedução), com limite de 14 a 18 anos). A Medicina Legal deve continuar atenta na defesa da sociedade, e as perícias sexológicas estão a exigir crescentes cuidados na sua execução. (PACHECO, 1965, p. 66-67).

Para dar continuidade a sua formação profissional e ampliando o seu campo dentro desta área foi, em 1969, a Paris, cursar um ano de Medicina Legal, o que hoje corresponde ao doutorado, dedicando-se ao estudo para a obtenção do título de assistente estrangeira com a tese *Alterações dos grupos sanguíneos em sangue de cadáveres putrefeitos e congelados* – no original, *De l'évolution post-mortem des groupes sanguins: mémoire pour le titre d'Assistant Étranger* (PACHECO, 1969).

Retornando a Salvador, continuou a desenvolver os seus trabalhos no IMLNR e concedeu uma entrevista ao jornal *A Tarde*<sup>19</sup>, em 1971, já como Diretora desta instituição – embora a posse no cargo só viesse a ocorrer em 1972, no governo do seu contemporâneo de faculdade, amigo pessoal e, também médico, Antonio Carlos Magalhães (ACM) – onde diz: “espero mostrar que a mulher pode fazer muita coisa e agora, que estamos assumindo postos em reconhecimento à capacidade feminina espero fazer tudo para retribuir a confiança que o Governador Antonio Carlos depositou em mim”.<sup>20</sup> O jornal deu à matéria o título “De como a mulher ascende a um posto importante por capacidade profissional” e acentua:

Diz ela mesmo, como Diretora do Nina, voltarei a trabalhar a sala de Necropsia porque amo minha profissão, embora me sensibilize quando vejo os cadáveres sobretudo, de pessoas conhecidas ou amigas. Porém, mesmo sendo um amigo que morre não deixo de trabalhar porque é a última homenagem que lhe prestarei fazendo a autópsia.<sup>21</sup>

Nessa reportagem, ela apresentou os seus planos dentro do IMLNR, do que pretendia fazer dele, ou seja, transformá-lo em uma Casa de Ciência onde não só se realizasse exames na área da Medicina Legal, mas, também, como um espaço de pesquisa para os estudantes de Medicina e Direito. Mas, enquanto isso, o referido jornal, em tão poucas linhas, reforça o estereótipo feminino.

A Diretora do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues é uma profissional abnegada. Você poderá encontrá-la no Nina todas as manhãs até às 12 horas em seu gabinete ou numa sala examinando cadáveres. Todos os dias das 19h30m até às 22 horas, e às vezes até à meia noite você também poderá encontrá-la trabalhando. Ela não pára. É um verdadeiro dínamo. **Mas é antes de tudo uma mulher, e como tal é sensível [...].**<sup>22</sup>

Em um dos tópicos da entrevista, ela já se refere ao que pretendia mudar na sua gestão e informa que o Nina iria mudar de local:

<sup>19</sup> O jornal *A Tarde* foi fundado por Ernesto Simões Filho, tendo sua primeira edição em 15 de outubro de 1912. Este jornal possui uma linha editorial que defende sistematicamente os interesses das elites baianas e que, em alguns momentos pontuais, esteve na oposição aos poderes instituídos.

<sup>20</sup> Jornal *A Tarde*, 18 dez. 1971.

<sup>21</sup> Id., *ibid.*

<sup>22</sup> Id., *ibid.*, grifos nossos.

Já existe um projeto que deverá ser executado em convênio da Universidade Federal da Bahia e o estado para a saída do Nina Rodrigues do prédio da antiga Faculdade de Medicina. Para a Dra. Maria Tereza ‘o local é inadequado para um bom funcionamento de um Instituto Médico Legal, primeiro por ser de difícil acesso e em segundo lugar por causa da vizinhança. Um órgão como este deve ficar localizado um pouco afastado do Centro da Cidade e deverá funcionar juntamente com a Polícia Técnica e o Instituto de Identificação Pedro Melo’.<sup>23</sup>

No final da entrevista, o jornalista Reynivaldo Brito sentencia, demonstrando todo o seu sexismo, “**embora seja uma mulher** a Dra. Maria Tereza tem todas as qualidades para exercer uma boa administração à frente do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues”.<sup>24</sup>

Na condição de diretora do IMLNR (1971-1987) e, depois, diretora do Departamento de Polícia Técnica (1991-1999), Dra. Maria Theresa estabeleceu uma boa relação com todos os governadores:

Luiz Viana Filho tinha aproximação com Prof. Estácio, eram colegas da Academia de Letras da Bahia, e, por conseguinte, gostava muito dela e ela dele [...] Roberto Figueira Santos que tinha sido Professor dela e amigo pessoal, então uma pessoa admirável, um homem brilhante e depois se repetiu ACM.<sup>25</sup>

Um episódio de estranhamento ocorreu, como conta sua sobrinha Tereza Cristina:

Só Waldir Pires que não deu muita atenção a ela, ela foi dar aula no primeiro andar, não deixaram ela entrar, foi um sucesso [risos]. Quando ela vai para entrar no auditório pra dar aula, tinha uma placa dizendo: proibida a entrada de Maria Theresa; ela parou, os alunos olharam pra ela e ela disse: tudo bem, eu vou dar aula pra vocês embaixo da árvore. Foi uma confusão tão grande. Mas quando ela entrou em contato com ele, ele disse que não tinha nada contra ela e mandou um ofício mandando abrirem as portas pra ela.<sup>26</sup>

Em sua coluna para o jornal *A Tarde*, ela escreveu para o já falecido mestre Estácio de Lima contando, de forma irônica, o episódio ocorrido no governo de Waldir Pires, anos depois, e demonstrando sua satisfação com o retorno de ACM.

<sup>23</sup> Jornal *A Tarde*, 18 dez. 1971

<sup>24</sup> Id. *ibid.*, grifo nosso.

<sup>25</sup> Entrevista do Dr. Lamartine de Andrade Lima, em 5 de maio de 2011.

<sup>26</sup> Entrevista de Tereza Cristina Pacheco, em 1 de outubro de 2013.

Tanta novidade, Mestre Estácio! A Bahia, sob comando firme de seu amigo, o governador Antonio Carlos Magalhães. Agente da Secretaria de Segurança Pública, um jovem professor de Direito Penal, seu vizinho quando criança, o Prof. Sérgio Alexandre Meneses Habib, no propósito firme de dirigir com toda inteligência e vigor os destinos de uma pasta, a mais difícil e espinhosa em todos os tempos e lugares. No Departamento de Polícia Científica, estamos nós, um grupo de seus ex-alunos, tentando tirar das cinzas ou dos escombros a Medicina Legal pericial a Criminalística, o Laboratório Médico Legal e a Identificação. Imagine, mestre, como se repetem os fatos! Pois, não é que me proibiram a entrada, para lecionar em nosso querido e inigualável Instituto Nina Rodrigues! Está admirado? E isso tudo depois de quase o destruírem! Até a biblioteca foi arrancada daquele lugar que o senhor nos ajudou a escolher e jogada no fundo do prédio! Sei que nem está acreditando, mas verdadeiro! Iconoclastas, empedernidos da cultura e até da sensibilidade! Por vezes chego a acreditar em desajustes da personalidade, sim, tudo aquilo é do povo e das gerações que passam, coisa alguma nos pertence, mas à cultura.<sup>27</sup>

Na Faculdade de Medicina da Bahia, Maria Theresa ministrava as aulas práticas, mas enfrentou com dificuldades as aulas teóricas, devido à reforma da Faculdade, pois, além de serem ministradas em locais fora da Universidade, ela manifestou sua decepção com a falta de estrutura e organização. Chamou a atenção para a assinatura do seu termo de posse da disciplina Medicina Legal e Deontologia Médica como catedrática, nos porões da secretaria da FAMEB, nas dependências do Hospital das Clínicas, na presença apenas de uma secretária. Mesmo diante de toda a simplicidade da posse, foi a primeira mulher Professora Catedrática da Faculdade de Medicina da Bahia, nesta cadeira, defendendo a tese *Normas de conduta profissional médica* (PACHECO, 1974). Nesta, versava e pretendia:

Opinar, orientar e apontar a posição dos clínicos e legistas, diante dos casos obscuros, controvertidos ou dúbios, em que é mister decidir, diante da lei brasileira. E o faz concernente ao Segredo profissional; aos múltiplos problemas da Sexologia forense; da Eutanásia, dos Venenos ou Tóxicos Sociais; assumindo a responsabilidade de apontar os caminhos melhores ou corretos para médicos e estudantes. (PACHECO, 1974, p. 114).

O que muito chama a atenção nesta tese, apesar de ela se inserir no seu tempo, a década de 1970, são os discursos vigentes da ciência e seus paradigmas dominantes. Assim, dentro das normas previstas no Código Penal e no Código de Ética, a Dra. Maria Theresa trata por **segredo profissional** o que diz respeito aos exames

<sup>27</sup> Jornal *A Tarde*, 11 nov. 1991.

chamados pré-nupciais, sobre os quais ela própria informa que “as classes pobres, entre nós, não procuram, ainda, os serviços médicos para os exames pré-nupciais. No entanto, a classe média e as famílias economicamente poderosas estão compreendendo sua necessidade” (PACHECO, 1974, p. 11). O exame pré-nupcial só era obrigatório nos casos de uniões consanguíneas. Então, a preocupação expressa às mulheres defendida nesta tese era a de prezar pela individualidade feminina.

As mais das vezes comparece a noiva na companhia da própria mãe ou pessoa da família, o futuro esposo aguarda na sala de espera. O exame, hoje com muita frequência, encontra rutura himental e a mãe da paciente, a seguir, indaga simplesmente: ‘minha filha está virgem?’. É uma curiosidade que ainda existe, antecedendo, à indagação que seria lógica: ‘–Minha filha tem condições para o casamento breve?’. É norma que o médico tenha a seu lado a enfermeira, mas, deve dispensar a presença materna, a não ser quando a paciente exige. A presença materna pode criar constrangimentos, e as respostas refletiriam esses constrangimentos, prejudicando a anamnese. (PACHECO, 1974, p. 11).

Dra. Theresa expõe, no decorrer de toda a tese, a importância da ética e do compromisso médico, os perigos que podem acarretar a quebra do segredo e o despreparo do profissional, como, por exemplo, neste caso contado por ela:

A moça, de grande beleza, teve o marido ausente do país durante, mais ou menos, cinco meses. Este fato, naturalmente, veio à anamnese, mas, o esposo indagou, subitamente, ao profissional, ‘de quantos meses é esta gestação?’. O clínico não percebeu a emoção de ambos os esposos. Um drama íntimo de corações estava, naquele momento, ocorrendo. A cliente angustiada, procurando salvar-se da situação dolorosa, interrompe a resposta do médico, afirmando que o fruto da concepção teria, pelo menos, cinco meses de vida. O clínico na sua brutal vaidade profissional ou falta de perspicácia, desmente a gestante: a sua gravidez não chega há três meses. A suspeita de adultério passou a ter confirmação do médico. O casal se retirou; em casa o apaixonado marido alucinado no ciúme extremo, assassinou a companheira e se suicidou. (PACHECO, 1974, p. 20).

Muitos casos são contados por Dra. Theresa nesta tese, com a finalidade de alertar para a ética profissional dos médicos legistas e clínicos, sempre demonstrando uma preocupação com as mulheres periciadas.

Surgem, nos consultórios, de vez em quando, menores apresentando-se sozinhas ao exame. E o diagnóstico, vamos dizer, de doença venérea vem a ser positivado. O profissional deve com a delicadeza e os cuidados necessários, aconselhar a jovem a comunicar aos seus a notícia da enfermidade, sem o

que o tratamento teria grandes dificuldades, comprometendo mais profundamente a saúde, e até oferecer-se para a notificação à família. Se a moça não consentir, o profissional não quebrará o segredo, nem abandonará a doente procurando, então, os meios de tratamento, em serviços oficiais, ou indo, promover cuidados, se necessário, sem pensar nem em honorários. (PACHECO, 1974, p. 29).

No tópico que se refere ao aborto, em uma tese escrita em 1974, Dra. Maria Theresa faz uma crítica às maternidades e profissionais que não tratam como pacientes as mulheres que abortaram. Apesar de considerar o aborto um crime previsto por lei, ela lamenta a falta de assistência:

Medida triste e cruel foi à tentativa de uma ou outra maternidade ter pretendido recusar assistência a todas as mulheres – vítimas de aborto criminoso. A intenção haveria sido aquela de, por este meio, lutar contra o crime, mas, na verdade seria por um crime bem maior ‘recusa de assistência’ com perigo de vida. Felizmente, foi uma tentativa que não encontrou abrigo na alma do verdadeiro médico. (PACHECO, 1974, p. 40).

Para além de exames pré-nupciais e aborto, Dra. Maria Theresa também tratou, nesta tese, da ética médica em outros campos como a impotência, epispádias, hispospádias, hipertrofias do clitóris e anomalias do volume do pênis, exames post-nupciais, parto, recusa de tratamento, anticoncepcionais, inseminação artificial, mortes súbitas e outras condições, psiquiatria forense, eutanásia e venenos tóxicos sociais.

Em 1974, na direção do IMLNR, trabalhou e estudou para transformar esta instituição, dotando-a com equipamentos modernos para prestar serviços à sociedade baiana. Em 1977, começou um movimento reivindicatório para a disponibilização de um espaço que comportasse as novas tecnologias científicas, para atender, de forma eficiente, a população. Entre as atribuições do Instituto, estão as atividades periciais em vivos – a exemplo de Sexologia Forense, Odontologia Legal e Clínica Médica – e as atividades periciais em mortos – como a Tanatologia (necropsia e exumação), Identificação de Cadáveres e Antropologia Física – além da realização de exames complementares de interesse da prova material.

O governador Roberto Santos e seu Secretário de Segurança, o Coronel Luiz Artur de Carvalho, começaram a procurar uma área que pudesse ser dedicada à Medicina Legal. Com os grupos de técnicos em engenharia e arquitetura, Maria Theresa trabalhou

incessantemente para que o projeto saísse da planta e, em 1979, a nova edificação no bairro Vale dos Barris se concretizou.<sup>28</sup> No decorrer dos anos, Dra. Maria Theresa se esforçava para equipar e capacitar o IMLNR, como mostra a reportagem do jornal *A Tarde*:

Polícia Técnica entra na informática – A Polícia Técnica prestou uma homenagem, ontem, Dia Nacional do Perito, a um de seus mais renomados profissionais, dotando o órgão de uma seção de informática com tecnologia de última geração. A sala leva o nome do perito criminalista Luís Tavares de Faria, atualmente aposentado, aos 71 anos, depois de 35 de trabalho ininterrupto. A inauguração da sala teve a presença de promotores, peritos criminalistas, médicos-legistas, desembargadores e delegados, destacando-se o historiador Cid Teixeira, o delegado Altamirando Rodrigues, titular do Departamento de Polícia Técnica do Interior, e da delegada Kátia Maria Alves, titular da 12ª Delegacia, de Itapuã. A Diretora do Departamento de Polícia Técnica, Maria Theresa Pacheco, enalteceu a importância do trabalho do perito criminal, ‘um dos mais importantes do mundo’, lembrando as condições adversas em que trabalham e do risco que correm.<sup>29</sup>

Assim como no investimento de informática, ela também buscou recursos para a compra de equipamentos para a realização de exames de última geração, que foram também relatados pelo jornal *A Tarde*:

‘Procura-se um novo Sherlock Holmes: aceita-se versão atualizada à prova de qualquer suspeita’. Com um texto assim, redigido com humor e ironia, médicos legistas, peritos, delegados de polícia e promotores de justiça, dentre outros especialistas que se dedicam ao aprofundamento do estudo nas áreas de Medicina Legal e Criminalística, poderiam anunciar os métodos de investigação formulados para desvendar a autoria de crimes – de pequenos furtos complicados homicídios – evoluíram muito, nos últimos anos. As clássicas lupas, usadas no rastreamento de pistas óbvias, dão lugar à sofisticação dos exames de DNA, retratos falados computadorizados e equipamentos avançados, que possibilitaram elucidar casos difíceis a partir de um fio de cabelo ou da identificação de vozes, captadas com a gravação de conversas casuais. ‘A tecnologia hoje, supera a imaginação dos responsáveis por uma investigação criminal, por mais trabalhosa que esta seja’, afirma a diretora do Departamento de Polícia Técnica do Estado da Bahia, Maria Theresa Pacheco. Na presidência do XV Congresso Brasileiro de Medicina Legal, evento que será realizado de 9 a 13 de setembro, no Bahia Othon Palace Hotel, a especialista defende a importância do tema central: A Medicina Legal no Terceiro Milênio. ‘A cada dia, nos deparamos com métodos que surpreendem até mesmo os mais incrédulos e desconfiados

sobre o que podemos considerar como uma nova ordem tecnológica, condizente com a passagem para o próximo milênio. Só para citar um exemplo, dispomos, no Instituto Médico Legal de nosso estado, de um aparelho de absorção atômica que detecta 1.500 tipos diferentes de substâncias tóxicas o único no país, reafirma a médica legista. Essa tendência para a abertura de horizontes inusitados é confirmada pelo fato de o congresso ser promovido conjuntamente com mais cinco eventos: o I Congresso Luso-Brasileiro de Medicina Legal, o IV Congresso Brasileiro de Odontologia Legal, o I Encontro Nacional de Laboratórios Forenses, o VI Congresso Brasileiro de Ética Médica o I Fórum Nacional de Direito Penal. ‘Ao analisar um caso, devemos atacar por várias frentes. A multiplicidade em Medicina é um fato, e será abordado nos debates’, justifica a diretora do DPT, que também tomará posse, por ocasião do congresso, como presidente da Sociedade Brasileira de Medicina Legal, assumindo uma gestão com duração de dois anos. Dentro de uma abordagem mais específica, merece destaque a utilização de exames de DNA na criminalística. ‘No diagnóstico da paternidade, existe a garantia da segurança do resultado obtido na faixa de 99,999%. A certeza da filiação é uma realidade, mesmo que o suposto pai em questão tenha morrido, mas tenha deixado irmãos vivos’, explica Maria Theresa Pacheco. ‘Nos casos de investigação criminal não é diferente: e exame de DNA pode ser utilizado quando dispomos de uma parte óssea, de um tecido ou qualquer outra parte do organismo das pessoas envolvidas no delito. Isso significa que basta um fio de cabelo na mão da vítima, ou minúsculos pedaços de unha, para que seja viável a identificação do agressor, dentre os possíveis culpados. Quantidades irrisórias de secreção espermática encontradas nas vestes ou nos corpos das vítimas também adquiriram grande importância’.<sup>30</sup>

Na direção do IMLNR, ela era uma referência não só nas perícias destinadas à sexologia forense, como também em necropsias para identificar a *causa mortis* do corpo examinado. Dentre seus inúmeros trabalhos, um caso que muito chamou a atenção do Brasil, foi a morte de Paulo César Farias (PC Farias)<sup>31</sup> e sua namorada Suzana Marcolino. Naquela oportunidade, ela foi convidada pelo Secretário de Segurança Pública do Estado de Alagoas, Antônio Azevêdo Amaral, para fazer exames técnicos nas vísceras do casal.

Sem querer adiantar quaisquer das hipóteses sobre as mortes de PC Farias e sua namorada, Suzana Marcolino, Maria

<sup>30</sup> Jornal *A Tarde*, 16 ago. 1998.

<sup>31</sup> Paulo César Farias foi “Tesoureiro de campanha do ex-presidente Fernando Collor em 1989, PC Farias foi o articulador do esquema de corrupção no governo denunciado à época. Segundo a promotoria, a morte de PC Farias foi investigada como ‘queima de arquivo’, pois ele era acusado de sonegação de impostos e enriquecimento ilícito e poderia revelar outros envolvidos”. *Folha de São Paulo*, 10 maio 2013.

<sup>28</sup> “Para a história do Instituto Médico-Legal Nina Rodrigues antigo, situado no Pelourinho, na sede da Faculdade de Medicina da Bahia, no Terreiro de Jesus, e também para a sua nova sede”. Cf. LIMA (1979).

<sup>29</sup> Jornal *A Tarde*, 5 dez. 1997.

Theresa disse que o convite do Secretário de Segurança Pública de Alagoas deve-se basicamente à credibilidade que o Departamento de Polícia Técnica da Bahia do qual faz parte o Instituto Médico Legal Nina Rodrigues, tem junto aos estados do Norte e Nordeste do País. Totalmente reformulado desde dezembro do ano passado e considerado um dos melhores do País [...].<sup>32</sup>

E como bem destaca a reportagem do jornal *A Tarde*:

O trabalho de investigação sobre a morte de Paulo César Farias e da namorada Suzana Marcolino acabou destacando a excelência do Laboratório do Departamento de Polícia Técnica (DPT) de Salvador, encarregado dos exames de toxicologia nas vísceras do empresário e da acompanhante. 'No universo dos laboratórios das polícias técnicas, somos os mais bem equipados do Brasil', garante a diretora do DPT, Maria Tereza Pacheco. Depois da Bahia, os mais modernos seriam os laboratórios do Paraná e Rio Grande do Sul. O laboratório conquistou essa posição em janeiro, com a instalação de novos aparelhos. O principal é o espectrômetro de absorção atômica, importado da Alemanha e com capacidade para detectar de mil a 1.500 espécies de substâncias tóxicas, a exemplo de drogas farmacológicas, entorpecentes (cocaína, maconha, LSD, ecstase e outros), bebidas alcoólicas e pesticidas [...].<sup>33</sup>

Esse polêmico caso da morte de PC Farias e Suzana Marcolino Dra. Maria Theresa o encerra, declarando:

O resultado dos exames feitos nas amostras de vísceras, sangue e urina do casal levou dez dias para ficar pronto. O exame toxicológico foi totalmente negativo e o exame de alcoometria revelou que foram encontradas 1,099 decigramas por litro na amostra de PC Farias e 0,99 na amostra de Suzana. Segundo a diretora do Departamento de Polícia Técnica, Maria Tereza Pacheco, o resultado do laudo balístico foi comunicado ontem à polícia de Alagoas, mas o laudo somente seguirá hoje. Maria Tereza informou que esses resultados podem fornecer novos subsídios à polícia de Alagoas na investigação das mortes, e que caberá ao Secretário de Segurança Pública de Alagoas, Coronel Amaral, dar conhecimento público do seu teor. A diretora adiantou que não pode dar declarações sobre os resultados porque são segredos de perícia.<sup>34</sup>

Característica nata da Dra. Maria Theresa era a defesa da ética e elevar o nome do Instituto Médico Legal Nina Rodrigues assim como de todas as instituições pelas quais passou. No ano de 1999, presidiu a coordenação dos trabalhos, no 1º Fórum de Estudos da Ética e Bioética do Conselho Regional de Medicina da Bahia (CREMEB), onde professores, médicos e cientistas discutiram as questões éticas no campo da medicina,

diante das preocupações levantadas referentes à clonagem de seres humanos. Em entrevista, ainda ao jornal *A Tarde*, a Dra. Maria Theresa demonstra a sua preocupação com as pesquisas científicas:

No mundo inteiro, até cientistas têm declarado que o homem não é Deus, lembra. Depois de Dolly, a ovelha clonada de células de uma ovelha adulta, houve quem apostasse que alterar cromossomos, gens e DNA humanos seria uma questão de tempo. A ética médica deve impor um limite para preservar a própria vida.<sup>35</sup>

Considerada, na década de 1990, uma das maiores autoridades em ética médica, Dra. Maria Theresa era constantemente solicitada para discutir o assunto clonagem, tanto que, até mesmo o jornalista brinca com ela no momento da entrevista: "com o perdão do trocadilho, a professora Maria Theresa Pacheco precisaria duplicar-se para dar conta do volume de tarefas que executa. Sendo uma só, sem clones, ela utiliza a versatilidade e o amor ao trabalho como estímulos".<sup>36</sup> E, quando indagada se considerava uma ameaça a clonagem de seres humanos, ela foi categórica:

Que seja uma ameaça, não digo. Mas, se ocorrer, será a realização do apocalipse. Não sabemos, por exemplo, qual será o comportamento de Dolly em relação às outras ovelhas. Não há como negar que a força genética é importantíssima. Só agora estão sendo feitos, nos EUA, estudos com 300 gêmeos univitelinos, criados separadamente, e o que se notou é que há determinados comportamentos semelhantes neles. A aparência física dos clones é idêntica, logicamente, mas não se pôde determinar, ainda, até que ponto a carga genética influi na transmissão da inteligência e de outros impulsos. Há, também, a possibilidade da exploração de seres humanos para fins específicos, fins determinados, como força ou beleza física. É importante que se diga que a intenção de Wilmut não era de fazer uma revolução deste porte, mas de pesquisar na sua área, a agropecuária. E há outros experimentos. E há outros experimentos do mesmo tipo, em curso, na Europa com espermatozoides sendo injetados em órgãos e em óvulos de animais. A primeira clonagem aconteceu em 52, com a duplicação de girinos. Até aí tudo bem, mas em relação à clonagem de humanos, tem que haver uma fiscalização muito rígida. É preciso que se forme comitês de ética em todos os hospitais do mundo, com a mobilização de todos, inclusive da igreja. Todos temos responsabilidade sobre isto.<sup>37</sup>

E explica a importância da Bioética no campo científico:

A bioética deveria ser ensinada a estudantes de medicina e em todos os outros cursos. Envolve a ética de todos os seres vivos, engloba a ética de todas as profissões e a ética da vida.

<sup>32</sup> Jornal *A Tarde*, 25 jun. 1996.

<sup>33</sup> Idem, 27 jun. 1996.

<sup>34</sup> Idem, 5 jul. 1996.

<sup>35</sup> Idem, 12 e 21 set. 1999.

<sup>36</sup> Idem, 12 mar. 1997.

<sup>37</sup> Jornal *A Tarde*, 12 mar. 1997.

Ela foi instituída em 1975, por um médico e pesquisador americano, Potter. Nos Estados Unidos, onde fiz um curso, recentemente, já existe mais de uma centena de centros de bioética, um número que ainda não é suficiente para esclarecer sobre a necessidade e finalidade dela. O que percebo é que há uma angústia muito grande, por parte dos profissionais desta área, por não se saber direito onde ela se situa, a despeito de sua importância incontestável.<sup>38</sup>

Durante a sua gestão no Departamento de Polícia Técnica, ela investiu nos estudos sobre a Bioética, em tecnologia e equipamentos modernos e, mesmo em novas gestões, ela era constantemente solicitada por seu entendimento profundo daquela instituição.

Disposta e dinâmica, Dra. Maria Theresa era convidada constantemente para participar de congressos, palestras, dava aulas em faculdades e presidiu, por doze anos, todas as sextas-feiras, a Comissão de Restauração do Complexo Arquitetônico da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, o que ela chamava de “talvez quase a toda a luta da sua vida” (PACHECO, 2007, p. 157), luta que resultou na restauração, acompanhada de perto por ela.

Também possuía dois projetos: o primeiro, era a fundação de um laboratório de Medicina Molecular; e o segundo, de escrever um Tratado da Medicina Legal, o que não foi possível devido ao seu falecimento no dia 12 de maio de 2010, quando a Bahia lhe rendeu honras pela dedicação à Medicina Legal neste Estado. E, para surpresa de todos, o Governador Jacques Wagner, do Partido dos Trabalhadores (PT) ordena que o Departamento de Polícia Técnica da Bahia passe a se chamar: “Complexo Policial Dra. Maria Theresa de Medeiros Pacheco”.

## REFERÊNCIAS

CARONE, Edgar. *A Primeira República: texto e contexto*. São Paulo: DIFEL, 1973.

DEL-CAMPO, Eduardo Roberto Alcântara. *Medicina Legal*. São Paulo: Saraiva, 2005.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2012.

LIMA, Estácio de. *Velho e novo “Nina”*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1979.

LIMA, Lamartine de Andrade. Professor Estácio de Lima. *Revista do Arquivo Público de Alagoas*, Maceió, v. 2, n. 2, 2012.

OLIVEIRA, Renilda Correia. Educação superior, concepções e função social da Universidade. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DE ALAGOAS – EPEAL, 5. *Anais...* Maceió, 2010. Disponível em: <<http://dmd2.webfactional.com/media/anais/EDUCACAO-SUPERIOR,-CONCEPCOES-E-FUNCAO-SOCIAL-DA-UNIVERSIDADE.pdf>>.

SAFFIOTTI, Heleieth Iara B. *Ontogênese e filogênese do gênero: ordem patriarcal de gênero e a violência masculina contra mulheres*. Série Estudos e Ensaios/Ciências Sociais/FLACSO-Brasil, jun. 2009. Disponível em:

<[http://www.flacso.org.br/portal/pdf/serie\\_estudos\\_ensaios/Heleieth\\_Saffioti.pdf](http://www.flacso.org.br/portal/pdf/serie_estudos_ensaios/Heleieth_Saffioti.pdf)>. Acesso em:

SAMPAIO, Consuelo Novais. *70 anos de lutas e conquistas: Liga Bahiana Contra o Câncer*. Salvador: Liga Bahiana Contra o Câncer, 2006.

SILVA, Enaura Quixabeira Rosa e; BOMFIM, Edilma Acioli (Org.). *Dicionário Mulheres de Alagoas: ontem e hoje*. Maceió: Edufal, 2007.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de; BARRETO, Maria Renilda Nery (Org.). *História da Saúde na Bahia: instituições e patrimônio arquitetônico (1808-1958)*. Barueri: Fiocruz; Manole, 2011.

VANIN, Iole Macedo. *As damas de branco na biomedicina baiana (1879-1949): médicas, farmacêuticas e odontólogas*. Salvador: UFBA, 2008. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

WANDERLEY, Tércio. In: AZEVEDO, João (Org.). *Documentário das comemorações do cinquentenário do Grêmio Literário “Guimarães Passos”*. Maceió: UFAL, 1979.

## ARQUIVO MARIA THERESA DE MEDEIROS PACHECO

- Escritos de próprio punho sem data.

- Escritos datilografados

PACHECO, Maria Theresa de M. A Medicina Legal na Bahia: início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, 77, p. 2, Salvador, jul./dez. 2007.

PACHECO, Maria Theresa de M. *Aspectos da delinquência sexual*. Bahia [Salvador]: Gráfica Ideal, 1965.

<sup>38</sup> Id. Ibid.

PACHECO, Maria Theresa de M. *De l'évolution post-mortem des groupes sanguins: mémoire pour le titre d'Assistant Etranger*. Paris: L'Unite d'Enseignement et de Recherche de Medecine Legale de Paris, 1969.

PACHECO, Maria Theresa de M. *Normas de conduta profissional médica*. Salvador: Escola Gráfica N. S. de Loreto, 1974. (Tese de concurso para professor titular)

REVISTA MANCHETE – 2 de fevereiro de 1991.

### PERIÓDICOS

*A Tarde* – 11 de junho de 1991; 25 de junho de 1996; 12 de setembro de 1999; 21 de setembro de 1999; 16 de agosto de 1998; 05 de dezembro de 1997; 18 de dezembro de 1971; 05 de julho de 1996; 27 de junho de 1996; 12 de março de 1997; 11 de novembro de 1991.

*Folha de São Paulo* – 10 de maio de 2013.

### SITE

[http://www.dpt.ba.gov.br/index.php?site=1&modulo=eva\\_conteudo&co\\_cod=25](http://www.dpt.ba.gov.br/index.php?site=1&modulo=eva_conteudo&co_cod=25)

### FONTES ORAIS

**Iracy Silva Costa:** Administrou a Maternidade Climério de Oliveira, no período em que Maria Theresa fez a residência médica. Entrevistada em: 16 de setembro de 2010.

**Lamartine de Andrade Lima:** Médico legista. Foi professor assistente do professor Estácio de Lima que era o Catedrático, e da Profa. Maria Theresa que foi a titular e sua sucessora. Entrevistado em: 05 e 26 de maio de 2011.

**Tereza Cristina de Araújo Pacheco:** médica, filha/sobrinha da Dra. Maria Theresa. Entrevistada em: 29 de abril de 2011 e 01 de outubro de 2013.

**Maria Del Carmen Vilas Martins Moreira:** Médica. Colega de turma e amiga pessoal de Maria Theresa. Entrevistada em 23 de maio de 2013.

